
“EDUCAR É REDIMIR”: SIGNIFICADO E IMPLICAÇÕES DA NOÇÃO DE REDENÇÃO-EDUCAÇÃO NOS ESCRITOS DE ELLEN G. WHITE

ADOLFO S. SUÁREZ, DOUTOR EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Professor nas faculdades de Pedagogia e Teologia, coordenador do Núcleo de Integração Fé e Ensino do Unasp, campus Engenheiro Coelho.

RESUMO: O artigo aborda a noção de redenção nos escritos de Ellen G. White. Além de tratar da temática da redenção como processo, Ellen G. White compreende redenção como conhecimento de Cristo. Seria, então, uma experiência no âmbito da vida diária. Dessa maneira, o estudo da redenção não é um exercício teórico, limitado à discussão conceitual, informacional. O artigo também trata da notável similaridade entre educação e redenção. Argumenta-se que, provavelmente, Ellen G. White pensa assim devido à função restauradora da redenção, função esta também atribuída à educação. Um segundo aspecto que torna a educação e a redenção uma só obra é o caráter holístico de ambas. E qual a implicação de tudo isto para a educação? São propostas duas. Primeiramente, teríamos uma práxis pedagógica que impacta o sujeito ao longo da vida, atingindo-o em todas as circunstâncias e espaços em que se encontre. Em segundo lugar, teríamos uma práxis pedagógica que impacta o sujeito em toda sua complexidade. Estes dois elementos mencionados promovem o desenvolvimento completo do sujeito, sintonizando-o com a demanda da sociedade,

onde se vive multidimensionalmente, o que exige uma formação e postura igualmente amplas.

ABSTRACT: This article is about redemption in Ellen G. White's writings. Other than including redemption as a process, Ellen G. White understands redemption as knowledge of Christ. Therefore, it is an experience in daily living. In this manner, the study of redemption is not a theoretical exercise, limited to the discussion of concepts, informational. This article also involves the notable similarity between education and redemption. It is discussed that, probably, Ellen G. White thinks alike due to the restoring function of redemption, function is also attributed to education. A second aspect that makes education and redemption a single process is the holistic character of both. And what is the implication of all this for education? There are two proposals. Firstly, we would have a teaching practice that impacts the subject during his lifetime, affecting him in all circumstances and spaces in which he finds himself. Secondly, we would have a teaching practice that impacts the sub-

ject in all his complexity. Both these aspects mentioned promote the complete development of the subject, synchronizing him according to society's demands, where there is multidimensional life, which demands a formation and posture equally broad.

INTRODUÇÃO

O filósofo educacional Cipriano Luckesi aponta três maneiras de compreender o sentido da educação na sociedade: educação como redenção, educação como reprodução e educação como um meio de transformação da sociedade.¹ Pela sua busca de sentido e ensejo de ação, todas elas podem ser consideradas tendências filosófico-políticas. Sobre a educação como redenção, Luckesi destaca sua característica de enxergar a sociedade como “conjunto” de indivíduos que convivem em sociedade, bem como sua ênfase no desenvolvimento de habilidades e “veiculação dos valores éticos necessários à convivência social”.² Para Dermeval Saviani, o sentido e finalidade da educação redentora é “reforçar os laços sociais, promover a coesão social e a integração de todos os indivíduos no corpo social”.³ Como se vê, educação e redenção é uma discussão até certo ponto “normal” no ambiente educacional.

Um exemplo clássico da concepção de educação como redenção encontra-se na conhecida obra *Didática Magna*, da autoria de Comênius e escrita no século 17. Partindo da compreensão de um mundo criado por Deus como harmônico e bom, o edu-

cador morávio descreve a perda dessa harmonia, e argumenta ser papel da educação a recuperação dessa harmonia perdida. Ele diz que “um dos primeiros ensinamentos que a Sagrada Escritura nos dá é este: sob o sol não há nenhum outro caminho mais eficaz para corrigir as corrupções humanas que a reta educação da juventude”.⁴

Em nossa contemporaneidade, no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, o político e economista francês Jacques Delors, se bem que não pende para uma visão redentora, não deixa de enfatizar o papel preponderante da educação para os indivíduos e para a coletividade. Assim ele se expressa:

Ao terminar os seus trabalhos a Comissão faz, pois, questão de afirmar a sua fé no papel essencial da educação no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Não como um “remédio milagroso”, não como um “abre-te sésamo” de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais, mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras...⁵

A noção de redenção-educação⁶ é fundamental nos escritos de Ellen G. White. No ano de 1870, ela começou a publicação, em quatro volumes, do que considerava ser a história da redenção, intitulada *The Spirit of Prophecy*.⁷ Posteriormente, apresentou

material adicional sobre o assunto, originando a série *Grande Conflito*,⁸ com pouco mais de 3.500 páginas. Para os Depositários da literatura de Ellen G. White, essa coleção permitiu que a igreja adventista e o mundo tivessem “conhecimento do grande plano da redenção humana e os propósitos de Deus em levar a cabo Seu plano original na criação do homem”.⁹

Considerando que o tema da redenção é fundamental na pedagogia whiteana, este artigo discorrerá sobre esse assunto, e se propõe refletir em questões como: Qual o sentido de uma educação redentiva em Ellen G. White? Porventura a redenção whiteana é de natureza apenas religiosa ou espiritual? Que elementos tornam a educação e a redenção uma só obra? Para elucidar essas questões, abordaremos três tópicos fundamentais: sua compreensão de redenção, a similaridade entre redenção e educação, e o impacto dessas idéias para a prática pedagógica.

CONCEITO E OBJETIVOS DA REDENÇÃO

A conceituação whiteana de redenção aponta, ao mesmo tempo, para seus objetivos fundamentais. Assim ela se expressa a respeito:

[A redenção é o] processo pelo qual a alma é treinada para o Céu. Este treinamento significa conhecimento de Cristo. Significa emancipação de idéias, hábitos e práticas que têm sido adquiridas na escola do príncipe de escuridão. A alma se deve libertar de tudo aquilo que é oposto à lealdade para com Deus.¹⁰

REDENÇÃO ENQUANTO CONHECIMENTO DE CRISTO

Um aspecto fundamental da citação acima é que redenção é conhecimento de Cristo; seria, então, uma experiência no âmbito da vida diária, pois, para Ellen G. White, quem conhece a Cristo e possui seu amor, “como o suave perfume não pode ocultar-se. Sua santa influência será sentida por todos aqueles com quem entramos em contato”.¹¹ Infere-se, então, que o estudo da redenção não pode ser um exercício apenas teórico, pois “o evangelho é um sistema de verdades práticas destinadas a efetuar grandes modificações no caráter humano”. De maneira que “se não efetuar transformação na vida, nos hábitos, e na prática, ela não é verdade para aqueles que reivindicam acreditar nela”.¹² Por isso é necessário que a redenção seja percebida por ‘aqueles com quem entramos em contato’. Ou seja, é necessário experienciar a redenção; ela precisa ser visível na realidade prática, não podendo ser limitada à discussão conceitual, informacional.

Por outro lado, a expressão ‘verdades práticas’, com seus consequentes desdobramentos, evidencia que Ellen G. White faz uso da noção bíblica de verdade, e não da tradição filosófica grega.¹³ A noção bíblica de ‘verdade (em hebraico *emet*, em grego *aletheia*), difere notavelmente da nossa; refere-se menos à busca da inteligência teórica, abstrata, e mais à necessidade de conhecimento útil para se conduzir na vida. É verdadeiro aquilo no qual o ser humano pode confiar, mediante o qual pode orientar sua vida. No pensamento semita, quando

alguém afirmava que sua palavra é a verdade (por exemplo, 1Rs 10:6; 2Cr 9:5), não se entendia apenas que quem disse essa palavra estaria convencido do que disse, senão que, além de tudo, era realmente assim.¹⁴ Além disso, a verdade bíblica não faz referência a teorias, mas a ações. Por exemplo, a afirmação “verdade já presente convosco” (2Pe 1:12) não se refere a doutrinas, mas a ações redentoras de Deus que têm sido experimentadas.¹⁵

Todavia, isso não significa que em Ellen G. White não haja espaço para a teoria. Orientando sobre o procedimento de evangelização, por exemplo, ela afirma:

Os discursos teóricos são essenciais para que todos possam conhecer a forma de doutrina, e vejam a cadeia da verdade, elo por elo, unidos em um todo perfeito. Mas nenhum discurso deve ser feito sem apresentar a Cristo, e Cristo crucificado, como o fundamento do evangelho, fazendo aplicação prática das verdades apresentadas [...]

Depois de a teoria da verdade haver sido apresentada, então vem a parte laboriosa da obra. O povo não deve ser deixado sem instrução no que respeita às verdades práticas relacionadas com sua vida diária.¹⁶

O que se percebe nos escritos whiteanos é preocupação em não limitar a vida cristã a uma mera explanação teórica ou doutrinária. Seu paradigma era a doutrina de Cristo, a qual, segunda ela,

[...] não consistia do palavreado contraditório dos escribas, cheio de mis-

ticismo, sobrecarregado de formas absurdas e exigências destituídas de significado; era, porém, um sistema de verdade que satisfazia as necessidades do coração. Seus ensinamentos eram simples, claros e abrangentes. As verdades práticas que proferia tinham um poder convincente, e prendiam a atenção do povo.¹⁷

A compreensão whiteana sobre a “verdade prática” nos leva à discussão de que somente a teoria não é suficiente para a compreensão da vida.¹⁸ Como afirmam os biólogos Humberto Maturana e Francisco Varela, “se a vida é um processo de conhecimento [princípio assumido pelos autores], os seres vivos constroem esse conhecimento não a partir de uma atitude passiva e sim pela interação”.¹⁹ E para compreendê-la “será necessário entendermos como conhecemos e o que conhecemos. Nesta perspectiva, necessariamente, teremos que nos remeter à experiência cotidiana, ao fenômeno do conhecer.”²⁰ De modo que a discussão em Ellen G. White não deve ser a respeito de qual é mais importante – ou a verdade teórica ou a verdade prática; afinal, não se deve encarar a vida necessariamente numa visão do tipo ‘sim – não’, e nem tampouco ‘ou isto ou aquilo’.²¹ O ponto fundamental, neste caso, é a necessidade de uma visão sistêmica para encarar esse possível paradoxo.

REDENÇÃO ENQUANTO ALVO

O segundo elemento da conceituação whiteana de redenção refere-se ao alvo de todo o processo: “para o Céu.” A compreensão de Céu, neste contexto, pode ser entendida de duas

maneiras. Primeiramente indicaria que as pessoas estão sendo preparadas para habitar no Céu, que é o lugar da habitação de Deus.²² Em segundo lugar, com essa expressão White contrasta as exigências divinas com as humanas, e argumenta que essas são pesadas, posto que exigentes e causadoras de perplexidades e ansiedades, enquanto que aquelas contam com o auxílio divino e, especialmente, baseiam-se no amor e na graça, e não apenas na exigência por parte de Deus, bem como não no mero cumprimento por parte dos seres humanos.²³ A redenção, então, envolveria a paz da “entrega completa”, e, em contrapartida, o abandono do “amor de si mesmo que traz desassossego”.²⁴

Pode-se perceber claramente que o conceito whiteano de redenção não se restringe a elementos subjetivos como arrependimento, perdão, justificação e santificação.²⁵ A redenção visa atingir o ser humano em sua totalidade sistêmica, efetuando nele profundas modificações experienciais, promovendo o “desenvolvimento do corpo, mente e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação”.²⁶

A redenção enquanto alvo levamos à ideia whiteana de que redenção tem a ver com libertação, emancipação de ideias, hábitos e práticas daquilo que está em oposição direta a Deus, e que compromete a lealdade a Ele. Nesse sentido, Ellen G. White defende a ideia de que um objetivo da liberdade é o desenvolvimento do caráter.²⁷ É no processo de desenvolvimento do caráter que se restaura “no

homem a imagem de seu Autor”, e no qual ocorre um retorno do ser humano “à perfeição em que fora criado”, demonstrado num crescimento integral – “corpo, mente e alma”.²⁸ Esta restauração, como vimos, é defendida pela autora como o principal alvo da educação.

O PAPEL DO SER HUMANO NA REDENÇÃO

Um terceiro elemento na conceitualização de redenção refere-se ao papel do ser humano. Ellen G. White entende que, no processo de efetivação da redenção, há cooperação entre Deus e o ser humano.²⁹ Ela afirma o seguinte:

No plano da salvação, a sabedoria divina designou a lei da ação e reação, tornando a obra de beneficência em todos os seus ramos, duplamente abençoada. O que dá aos necessitados beneficia a outros, e é ele próprio beneficiado em grau ainda maior. Deus poderia ter conseguido Seu objetivo na salvação dos pecadores sem o auxílio do homem; mas Ele sabia que o homem não poderia ser feliz sem desempenhar uma parte na grande obra na qual ele cultivaria a abnegação e a beneficência.

Para que o homem não perdesse os benditos resultados da beneficência, nosso Redentor elaborou o plano de alistá-lo como Seu cooperador.³⁰

Para Ellen G. White, a efetivação da redenção humana requer a cooperação das pessoas; ou seja, a humanidade é redimida com a sua própria participação. Essa ideia é explicitada na citação a seguir:

[...] Deus deu a cada homem a sua obra. Devemos desenvolver a nossa

salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em nós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade. Na obra de salvação há cooperação dos agentes humanos e divinos. Tem-se declarado muita coisa acerca da ineficácia do esforço humano; no entanto, o Senhor não faz nada pela salvação da alma sem a cooperação do homem.³¹

A noção whiteana de serviço e cooperação não como consequência, mas como condição da redenção humana, é fundamental para a teologia e sua relação com a educação. Entende-se que é condição porque a salvação do ser humano (e isso envolve teologia ou conhecimento teológico, “Soteriologia”) acontece com a cooperação de seres humanos (e isto pode implicar em ações pedagógicas). De modo que, enquanto a teologia fornece as ferramentas para a possível compreensão da redenção, a educação pode estabelecer ações apropriadas para uma prática pedagógica redentora. Só desta maneira a redenção significaria “benefício” ao ser humano, o qual ocorreria na medida em que ele próprio toma parte ou se envolve nesse processo, pois, como diz Ellen G. White, as pessoas podem ser “polidos instrumentos nas mãos de Deus para a salvação de almas”.³²

Todavia, isso não significa que a teologia e a educação sejam elementos distintos e independentes de um mesmo processo, do tipo teoria e prática; também não significa que a teologia seja o conhecimento da salvação ou de Deus, e a educação constitua sua prática. São, sim, dois elementos complementares de um mesmo pro-

cesso. Como lembra Thomas Groome, no sentido bíblico conhecer a Deus é uma atividade dinâmica, experiencial e relacional, que envolve toda a pessoa e encontra expressão numa vida de obediência amorosa a Deus. Sem esta ação amorosa, Deus não é conhecido; sem tal ação, qualquer tipo de conhecimento não é, na visão bíblica, mais do que tolice.³³

Outro aspecto importante é a receptividade humana da redenção. A ideia whiteana é que as providências de redenção são gratuitas para todos. Ela afirma que “não ganhamos a salvação por nossa obediência; pois a salvação é dom gratuito de Deus, e que obtemos pela fé”.³⁴ Num outro trecho, insiste na gratuidade da redenção dizendo que “a salvação é o dom gratuito de Deus para o crente, que lhe é concedido unicamente por amor a Cristo” e deixa claro que o ser humano “não pode apresentar suas boas obras como argumento para a salvação de sua alma”.³⁵

Todavia, percebe-se que Ellen G. White não entende gratuidade como universalismo.³⁶ Nesse sentido, ela diz que “as *provisões* da redenção são livres para todos; os *resultados* da redenção serão desfrutados por aqueles que cumprirem as condições”.³⁷ E quais são essas condições? Ela própria responde:

É eleita toda pessoa que operar a sua própria salvação com temor e tremor. É eleito aquele que cingir a armadura, e combater o bom combate da fé. É eleito quem vigiar e orar, quem examinar as Escrituras, e fugir da tentação. É eleito aquele que continuamente tiver fé, e que for

obediente a toda a palavra que sai da boca de Deus.³⁸

A redenção é oferta gratuita, que precisa ser ‘aceita’ pela ação humana. Assim sendo, o ser humano tem o poder de negar a redenção ao não se deixar tocar pela gratuidade, pela graça. Ou seja, o não cumprimento das condições é a negação da redenção.

Após termos descrito e analisado alguns aspectos fundamentais referentes à questão da redenção em Ellen G. White, agora precisamos concentrar a análise nos elementos educação/redenção, juntos. É o que faremos a seguir.

EDUCAÇÃO E REDENÇÃO

No pensamento de Ellen G. White existe similaridade entre educação e redenção, a ponto dela afirmar que “no mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma”.³⁹ Como observa Snorrason, “o contexto no qual este humanamente impossível alvo da educação é dado é soteriológico”.⁴⁰ Segue-se, então, que quando White falou de educação ‘no mais alto sentido’, ela estava falando de educação redentiva, religiosa, especificamente da educação cristã.⁴¹ Assim sendo, a educação cristã não pode ser dissociada da redenção, pois elas são uma só obra. E se a educação e a redenção são uma única obra, realidade ou processo, é fundamental entender quais os possíveis aspectos que evidenciam essa similaridade.

FUNÇÃO RESTAURADORA

Um primeiro aspecto que torna a educação e a redenção uma só obra

é a função restauradora de ambas. Nesse sentido, as palavras de Ellen G. White são que “restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado [...] – esta deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida”.⁴² Se uma ação restauradora se faz necessária, é indispensável perguntar a razão dela. Além do mais, cabe esclarecer o que significaria “restaurar no homem a imagem de seu Autor”.

Por que se faz necessária uma Restauração?

Pela ótica whiteana, torna-se imperativo voltar ao relato bíblico da criação e recordar que “quando Adão saiu das mãos do Criador, ele trazia em sua natureza física, intelectual e espiritual, a semelhança de seu Criador”.⁴³ Com esta semelhança, era o objetivo de Deus que “quanto mais o homem vivesse tanto mais plenamente revelasse esta imagem, refletindo mais completamente a glória do Criador”,⁴⁴ imagem esta que se manifestaria pelo desenvolvimento contínuo de todas suas faculdades.

Pela desobediência, porém, isto se perdeu. Com o pecado a semelhança divina ficou obscurecida, sendo quase que totalmente apagada. Enfraqueceu-se a capacidade física do homem e sua capacidade mental diminuiu; ofuscou-se-lhe a visão espiritual. Tornou-se sujeito à morte. Todavia, o ser humano não foi deixado sem esperança. Por infinito amor e misericórdia foi con-

cebido o plano da salvação, concedendo-se um tempo de graça.⁴⁵

No entender de Ellen G. White, a função restauradora da educação e da redenção é necessária devido à queda, pois, embora exista “em cada coração não somente poder intelectual, mas espiritual – percepção do que é reto, anelo de bondade”,⁴⁶ há contra estes princípios “um poder contendor, antagonico. [...] Há em sua natureza um pendor para o mal, uma força à qual, sem auxílio, não poderá ele resistir.”⁴⁷

Ao destacar o problema do mal como constituinte da natureza humana, White ecoa o pensamento de conhecidos teólogos e filósofos. De acordo com Mondin, ao longo da história o problema do mal despertou o interesse em muitos gênios do pensamento religioso e filosófico, dentre os quais “o autor do livro de Jó, Orígenes, Agostinho, Boécio, Anselmo, Tomás de Aquino, Cusano, Pascal, Leibniz, De Maistre, Schelling e outros”.⁴⁸

Juan Antonio Estrada, teólogo e filósofo, afirma que “como elemento constitutivo da experiência humana [o mal] sempre foi um problema central da filosofia e da religião”.⁴⁹ E sendo um assunto relacionado à origem e finalidade da vida humana, deve ser profundamente analisado. Para Estrada, é apropriado estudar o mal do ponto de vista da religião; nesse sentido, ele diz:

A dimensão existencial do mal, que mais cedo ou mais tarde experimentamos em nós mesmos ou nas pessoas que nos são próximas, resiste a uma mera especulação racional, própria

da reflexão filosófica, e abre espaço para os testemunhos pessoais. Nisso consiste a superioridade da religião com relação à filosofia.⁵⁰

Talvez, então, porque “a religião oferece uma resposta global, boa ou má, consistente ou não, ao problema do mal”,⁵¹ é que as pessoas procuram nela – senão a compreensão do fenômeno – pelo menos o remédio para a sua cura.

Se levarmos em conta as dimensões do mal adotada por Juan Antonio Estrada,⁵² podemos afirmar que Ellen G. White entende o mal dentro de três aspectos diferentes. Em primeiro lugar ela entende que o mal é uma experiência constitutiva do ser humano. É o que Estrada chama de ‘mal metafísico’. Para Ellen G. White, não se pode pensar em pessoas sem pensar no mal, e não apenas porque as pessoas são más, mas porque se vive na dependência dele; ela diz que o ser humano vive num “estado de culpa”.⁵³ Em outras palavras, o mal é da natureza humana, a qual ficou “depravada pelo pecado”.⁵⁴

Por outro lado, Ellen G. White compreende que devido ao mal ser um constitutivo das pessoas, a raça humana está exposta a outro tipo de mal, a dor e o sofrimento, chamado por Estrada de ‘mal físico’; é o mal como vivência. De fato, o conhecimento e a prática do mal acompanham o ser humano “por todos os dias de sua vida”, desde o momento em que Adão e Eva livremente o escolheram.⁵⁵ Como resultado disso, o ser humano vivencia “a onda de desgraças que emanou da transgressão de nossos primeiros

país”.⁵⁶ Infelizmente “o pecado deles abriu as portas do dilúvio das desgraças sobre o mundo”.⁵⁷

Em terceiro lugar, Ellen G. White entende que o mal significa atos e ações – que Estrada chama de ‘mal moral’. De acordo com Estrada, é devido à existência da moral que o ser humano tem “a consciência do pecado e da culpa e o anseio de justiça e perdão como sua contrapartida”.⁵⁸ Neste sentido, White afirma que o ser humano vive num “estado de culpa consciente”.⁵⁹ Ou seja, a pessoa sabe quando suas práticas e ações são más, sentindo-se culpada por elas.

Enquanto que para Estrada o mal moral limita-se a ações que quebram códigos de conduta da sociedade – o mal é o produto das ações humanas, diz ele⁶⁰ – para Ellen G. White o mal moral também se refere à quebra dos códigos de conduta divinos.⁶¹ São eles que regem a conduta humana. Assim sendo, a desobediência às leis de Deus também está na esfera do mal moral.

Como se vê, Ellen G. White constata marcado antagonismo na natureza humana, e sua explicação para essa profunda realidade espiritual e antropológica é a queda, que aponta, de modo amplo, para o aparecimento do mal na humanidade e, de modo específico, para a tensão que esse mal provoca na experiência humana. Provavelmente, ela se inspira nas palavras do apóstolo Paulo, o que evidencia essa tensão nas seguintes palavras:

Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque

não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?⁶²

Conclui-se, então, que a ação restauradora se faz necessária devido à queda, que entronizou o mal na humanidade com consequências nefastas. É necessário, pois, lidar com o mal. A restauração, deste modo, teria o objetivo de combater e eliminar o mal. Todavia, este pareceria ser um objetivo geral, e Ellen G. White se refere especificamente a “restaurar no homem a imagem de seu Autor”. O nosso próximo passo, então, é entender pontualmente essa expressão. Começemos por uma afirmação que aponta para uma explicação adequada:

O homem foi formado à semelhança de Deus. Sua natureza estava em harmonia com a vontade de Deus. Sua mente era capaz de compreender as coisas divinas. Suas afeições eram puras; seus apetites e paixões estavam sob o controle da razão. Ele era santo e feliz tendo a imagem de Deus e em perfeita obediência à Sua vontade.⁶³

No parágrafo acima se percebe que a expressão whiteana “formado à semelhança de Deus” refere-se à completude na natureza humana, nos aspectos físico, mental, emocional e espiritual. Entretanto, a autora também destaca a incompletude humana quando afirma que caso o ser humano tivesse permanecido fiel a Deus, “teria ele continuado a obter novos tesouros de conhecimentos, a descobrir novas fontes de felicidade e a alcançar concepções cada vez mais claras da sabe-

doria, do poder e do amor de Deus”.⁶⁴ Logo, embora o ser humano possuísse determinada completude, ainda tinha um longo caminho a percorrer. Ellen G. White chama a atenção para o inacabamento, e nisto há proximidade com o pensamento do educador Paulo Freire, o qual argumenta que “as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana” podem ser encontradas no fato de os homens se saberem inacabados, tendo “a consciência de sua inconclusão”.⁶⁵ Usando as palavras freireanas, pode-se afirmar, então, que as idéias de White sobre a completude e incompletude são uma espécie de estar sendo para poder ser. Nesse sentido, parece que tanto a concepção freireana quanto a whiteana instam a educação a se refazer constantemente. Afinal, ela está sendo. E é no processo de se refazer constantemente que a educação refaz o educando, restaurando-o continuamente.

Mas, afinal, o que teria ocorrido com a imagem de Deus no ser humano devido à queda? Ellen G. White afirma que “com o pecado a semelhança divina ficou obscurecida, sendo quase que totalmente apagada”.⁶⁶ E especifica o que seria esse obscurecimento: “Enfraqueceu-se a capacidade física do homem e sua capacidade mental diminuiu; ofuscou-se-lhe a visão espiritual. Tornou-se sujeito à morte”.⁶⁷ A partir das palavras whiteanas, creio ser possível pensar num ser humano não apenas enfraquecido, mas desintegrado devido à não possibilidade do uso apropriado de suas potencialidades. Usando a concepção do sociólogo Edgar Morin, diríamos que foi

afetada a “unidade complexa da natureza humana”, instaurando-se desequilíbrio e fragmentação nos campos “físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico”,⁶⁸ e, acrescentaria White, espiritual.

É nesse clima de desestabilidade que deve ser compreendida a observação de Ellen G. White de que tanto a redenção como a educação têm como objetivo “restaurar no homem a imagem de seu Criador, levá-lo de volta à perfeição”⁶⁹ em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, mente e espírito”.⁷⁰ É importante notar que, diante do desequilíbrio da unidade complexa da natureza humana, a educação e a redenção promovem o fortalecimento justamente da totalidade do ser. Pensar diferentemente – por exemplo, numa educação que trate apenas de questões cognitivas, ou numa redenção que trate apenas de questões espirituais – seria provavelmente entendido por Ellen G. White como idéias “demasiadamente acanhadas”.⁷¹ Em outras palavras, a restauração da imagem de Deus seria ou implicaria no desenvolvimento completo, holístico, do ser humano.⁷²

Todavia, esse desenvolvimento não seria operacionalizado só pela vontade humana, mas como fruto da conversão, que produz na pessoa o desejo de mudança. Ellen G. White entende que a conversão é um “poder regenerador, que nenhum olho humano pode ver”, o qual “gera na alma uma vida nova; cria um novo ser, à imagem de Deus”.⁷³ De modo que a conversão é fundamental para a restauração do ser e, conseqüentemente,

é importante para a educação e a redenção. O sujeito restaurado é um sujeito convertido, em quem a imagem de Deus foi resgatada, tornando-se uma nova criatura em sua plenitude, em sua totalidade. Essa noção whiteana sobre a necessidade da conversão parece encontrar convergência com a ideia do teólogo e sociólogo Hugo Assmann a respeito da conversão na educação para a solidariedade.⁷⁴ Assmann afirma:

Os seres humanos não são ‘naturalmente’ tão solidários quanto parecem supor nossos sonhos de uma sociedade justa e fraternal. Por isso não convém colocar num segundo plano, ou no rol dos pressupostos tácitos, o complicado problema da educação – melhor dito: da conversão! – individual e coletiva, imprescindível para que existam predisposições para uma solidariedade efetiva, já que esta não conta com ‘instintos naturais’ adequados.⁷⁵

Assmann defende a conversão – individual e coletiva – como imprescindível para que existam predisposições para uma solidariedade efetiva. Ellen G. White, por sua vez, defende a conversão que significa a restauração da imagem de Deus, que implica na restauração do ser total, com efeitos mentais, espirituais e sociais. Ambas as propostas podem ser vistas como efetivas para a busca de uma prática pedagógica que preze pelo envolvimento prático em ações solidárias na sociedade.

Pelo que vimos até aqui, não resta dúvida de que o objetivo último da

educação whiteana é a restauração da imagem de Deus no ser humano. De acordo com Snorrason, essa imagem é composta de alguns elementos, dentre os quais os mais importantes são a liberdade de escolha, dignidade, individualidade e um caráter de amor expressos em serviço desinteressado a Deus e aos seres humanos. Tal caráter inclui o desenvolvimento do ser inteiro para o serviço. Entretanto, o principal objetivo epistemológico da educação, um conhecimento experimental e pessoal de Deus, é indispensável para o objetivo educacional último – axiológico e metafísico – a saber, a restauração da imagem de Deus no ser humano. Este objetivo final da educação não é estático, mas dinâmico. O ser humano refletirá esta imagem, a glória de Deus, mais e mais através da eternidade,⁷⁶ sendo possível e verificável pelo desenvolvimento completo, holístico, das capacidades humanas.⁷⁷

CARÁTER INTEGRAL

Um segundo aspecto que tornam a educação e a redenção uma só obra é o caráter integral de ambas. Ellen G. White afirma que a obra da redenção e o objetivo da educação são “promover o desenvolvimento do corpo, mente e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação”.⁷⁸ Esta conceituação está mais explicitada na citação a seguir:

A verdadeira educação significa mais do que avançar numa determinada série de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Ela tem que ver com todo o ser, e com todo o período de existência possível ao homem.

É o desenvolvimento harmonioso dos poderes físicos, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a alegria do serviço neste mundo e para a alegria mais elevada de um serviço mais amplo no mundo por vir.⁷⁹

Considerando que as palavras acima foram escritas em 1903, é significativo pensar no intuito whiteano de que uma educação completa deve abranger o ser total. Todavia, deve ser ressaltado que o caráter integrativo whiteano não se parece completamente à educação integral ou holística defendida na atualidade. De acordo com Rafael Yus,

O termo Educação Holística foi proposto pelo americano R. Miller (1997) para designar o trabalho de um conjunto heterogêneo de liberais, de humanistas e de românticos que têm em comum a convicção de que a personalidade global de cada criança deve ser considerada na educação. São consideradas todas as facetas da experiência humana, não só o intelecto racional e as responsabilidades de vocação e cidadania, mas também os aspectos físicos, emocionais, sociais, estéticos, criativos, intuitivos e espirituais inatos da natureza do ser humano.⁸⁰

Como se vê, a principal diferença entre o integralismo whiteano e o defendido por alguns educadores da atualidade radica nos seus fundamentos; enquanto que este se fundamenta em fontes humanistas, aquele argumenta ter sua fonte em Deus, ou no que se compreende de Deus. A principal semelhança estaria na intencionalidade do desenvolvimento da personalidade global. Neste sentido, ainda no entender de Yus, a educação integral possui oito características fundamentais:

Considera a globalidade da pessoa, desenvolve a espiritualidade, promove as inter-relações, busca o equilíbrio, facilita a cooperação, pretende alcançar a inclusão, busca a experiência e deseja atingir a contextualização.⁸¹ O propósito da educação seria, então, alimentar todas essas potencialidades.⁸²

Sendo o aspecto espiritual um elemento diferenciado na concepção educacional integral, cabe entender seu significado. Yus explica:

Talvez o traço mais característico e diferenciador da tradição holística tenha sido, e ainda é, a ênfase dada às dimensões espirituais dos alunos, um elemento desprezado pelos sistemas educacionais atuais, ou mesmo reduzido a um determinado dogma. O holismo valoriza e desenvolve a espiritualidade como estado de conexão de toda a vida, de experiência do ser, de sensibilidade e compaixão, de diversão e esperança, de sentido de reverência e de contemplação diante dos mistérios do universo, assim como do significado e do sentido da vida. Esse sentimento de harmonia e espiritualidade é considerado essencial para a construção da paz do planeta.⁸³

Para Saturnino de la Torre e Maria Cândida Moraes, educar não é apenas valorizar as inteligências ou a cognição, mas também preocupar-se com a evolução da consciência e do espírito. Eles chamam esse processo de *sentipensamento*. Nesse sentido, educar para *sentipensar* é:

Educar no caminho do amor, da inteireza e da sabedoria. É educar o outro na justiça e na solidariedade. [...] É educar sem reprimir ou negar a experiência da comunhão, a experiência do coração, a experiência do espírito

e a experiência do sagrado, reprimidos durante séculos em nome de algo que no mundo moderno chamamos de ciência.⁸⁴

Entretanto, a inclusão do espiritual não é comum nas propostas educacionais e mesmo nas reflexões que tentam integrar a espiritualidade à temática educacional. Por exemplo, o educador e neurologista Howard Gardner entende ser complicada a possibilidade de uma inteligência espiritual. No entanto admite a hipótese de uma “capacidade de pensar sobre questões cósmicas e existenciais”,⁸⁵ questões estas que abrangem profundos temas teológicos e filosóficos, como a existência humana, “a natureza da vida, da morte, da felicidade e da tragédia”.⁸⁶ E ao tratar dessas questões fundamentais, Gardner acredita ser necessário lidar com o tema da religião. Suas palavras neste sentido são que, “na maioria das sociedades, os sistemas religiosos, míticos ou filosóficos organizados lidam com estas questões, mas as pessoas também podem desenvolver suas próprias estruturas existenciais ou espirituais singulares”.⁸⁷

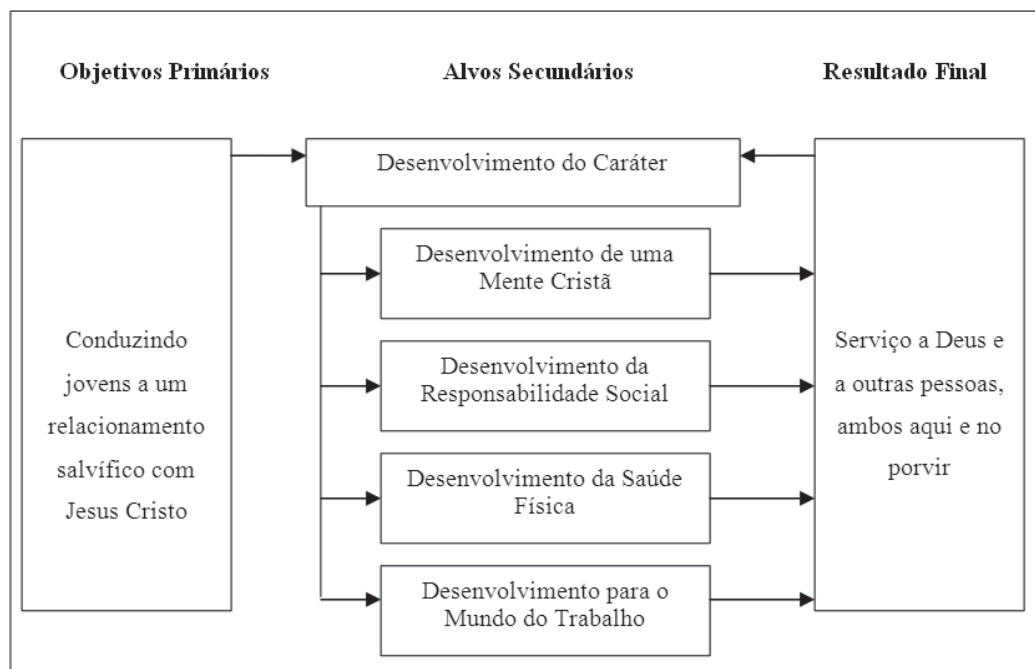
A esse respeito, Ellen G. White afirma que “a verdadeira educação significa mais que um curso de estudo”.⁸⁸ Assim como Torre e Moraes, White acredita que o processo educativo vai além do oferecimento da formação acadêmica. E, semelhantemente a Yus, compreende que apenas a educação integral é uma educação completa. Portanto, no contexto educacional whiteano, educar não é apenas transmitir informação, desenvolvendo me-

ramente a capacidade cognitiva do indivíduo; o processo educacional é completo quando o estudante aprende a aprender, aprende a fazer, aprende a viver junto e aprende a ser,⁸⁹ e creio que é no *aprender a ser* que se pode pensar a religião, a religiosidade e a espiritualidade humanas, enquanto elementos ontológicos.

George Knight esquematizou os objetivos que fundamentam os afazeres pedagógicos do sistema educacional da IASD, desde uma perspectiva whiteana, conforme mostra o figura a seguir.⁹⁰ Essa síntese ressalta que a verdadeira educação significa mais do que a preparação para a vida presente em apenas um campo do saber; fundamenta-se no relacionamento com Deus, impacta a vida diária em seus diversos aspectos e pretende estender-se à vida por vir.

Como observamos acima, a proposta whiteana de educação se caracteriza por sua clara orientação religiosa. Entretanto, isso não significa que desconsidera o cotidiano, pois a comunhão/relacionamento com Jesus Cristo é evidenciado pelo desenvolvimento do caráter, que prepararia a pessoa para uma interação apropriada com a sociedade, no intuito do serviço. De modo que os chamados “alvos secundários” são assim denominados não por sua pouca importância, mas porque não devem ser considerados um fim em si mesmos.

Quando Ellen G. White afirma que a verdadeira educação tem que ver com todo o ser, abrangendo os poderes físicos, intelectuais e espirituais,⁹¹ indica que não se deve praticar uma



Quadro 1

educação fragmentada, ou mesmo não se pode enaltecer um aspecto em detrimento de outro. Todavia, como observa Snorrason, ela reconhece as diferenças individuais,⁹² não sendo intransigente em relação a alguns desenvolverem alguma habilidade específica. Ela entende que “alguns são qualificados para exercer maior força intelectual que outros, enquanto outros são inclinados a amar e desfrutar de trabalho físico”;⁹³ mas, insiste na ideia de que “as culturas moral, intelectual e física deveriam ser combinadas para ter homens e mulheres bem-desenvolvidos e bem-equilibrados”.⁹⁴ Nesse sentido, entende que as pessoas “deveriam buscar melhorar onde são deficientes”, não se deixando avaliar e ditar seu comportamento pelos hábitos e costumes da sociedade e da moda.⁹⁵

IMPLICAÇÕES DA EDUCAÇÃO E REDENÇÃO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ao fazer a afirmação de que “no mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma”, Ellen G. White não quer dizer que a educação cristã despreze as questões seculares ou materiais. Tampouco quer dizer que a educação limita-se a reflexões religiosas ou espirituais. Ela mesma afirma, por exemplo, que “o intelecto humano precisa expandir-se, e adquirir vigor, agudeza e atividade [...] A mente deve idear, trabalhar e esforçar-se a fim de dar solidez e vigor ao intelecto”.⁹⁶ Obviamente, então, não entra em questão aqui um tipo de educação que despreze o preparo cognitivo. Os educadores australianos Collin e Russell Standish captaram apropriadamente o sentido da ideia whiteana

ao comentarem que pensar a educação como sinônimo de redenção permite transportar “os alvos educacionais dos limites do imediato para o âmbito das realidades eternas”.⁹⁷ Além do mais, longe de limitar sua compreensão apenas ao nível religioso-espiritual, “colocar a educação no âmbito do eterno é realmente ampliar o sentido e o significado daquilo que está acontecendo no presente”.⁹⁸

Justamente no sentido de cuidar com uma educação limitada em sua abrangência, falando aos dirigentes da IASD na década de 1870, Ellen G. White afirmou que as ideias deles acerca da educação eram demasiadamente acanhadas. Era necessário “um escopo mais amplo” e “um objetivo mais elevado”.⁹⁹ Esta educação mais ampla é possibilitada pela similaridade proposta entre educação e redenção, similaridade esta que, como já foi dito, permite transportar os objetivos educacionais dos limites do imediato para o campo das realidades eternas.

Mas, afinal, qual seria esse “escopo mais amplo” e esse “objetivo mais elevado”? Em seu livro *Educação* Ellen G. White descreveu aquilo que pode ser considerado, sinteticamente, seu conceito fundamental e objetivo último da educação, a partir do qual se depreendem as particularidades que caracterizam sua prática pedagógica. Esse pequeno parágrafo aponta, resumidamente, para a natureza da prática pedagógica whiteana. Ela afirma:

A verdadeira educação significa mais do que avançar numa determinada série de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Ela tem que

ver com todo o ser, e com todo o período de existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmonioso dos poderes físicos, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a alegria do serviço neste mundo e para a alegria mais elevada de um serviço mais amplo no mundo por vir.¹⁰⁰

A partir desta afirmação, destaco duas implicações do pensamento de Ellen G. White na prática pedagógica: (1) uma práxis que impacta o sujeito durante toda a sua vida, preenchendo todas suas circunstâncias e espaços em que se encontre (“todo o período de existência possível ao homem”), e (2) uma práxis capaz de alcançar o sujeito em toda sua complexidade, que possibilite desenvolver no educando todas suas potencialidades (“ela tem que ver com todo o ser... É o desenvolvimento harmonioso dos poderes físicos, intelectuais e espirituais”).

UMA PRÁXIS PEDAGÓGICA QUE IMPACTA O SUJEITO AO LONGO DA VIDA

Devido à sua abrangência, a proposta whiteana pretende impactar o sujeito durante toda sua vida, atingindo-o, obviamente, em todas as circunstâncias e espaços em que se encontre. Deste modo, teríamos uma práxis pedagógica que fosse além da sala de aula, sendo capaz de unir a educação familiar, escolar, social e eclesial, considerando que estes são os espaços mais importantes do sujeito pensado por Ellen G. White. Essa abrangência pode ser verificada nos objetivos gerais da educação whiteana. Com esse propósito em mente, a seguir são sintetizados e comentados

Objetivos Gerais da Educação
<ol style="list-style-type: none"> 1. Consciência de Deus: Levar o estudante a conhecer e praticar a vontade de Deus e o relacionamento com Ele. 2. Aceitação da Bíblia: Promover a Bíblia como a Palavra de Deus, tendo em seus princípios o referencial de conduta. 3. Respeito pela Natureza: Estimular o estudo, proteção e conservação da natureza. 4. Utilização do Intelecto: Incentivar a utilização das faculdades mentais na aquisição e construção do conhecimento. 5. Desenvolvimento do Pensamento Crítico: Promover o desenvolvimento do senso crítico e pensamento reflexivo, tomando o estudante pensador e não refletor dos pensamentos alheios. 6. Valorização da Saúde: Promover a aquisição de hábitos saudáveis pelo conhecimento do corpo e das leis que o regem. 7. Envolvimento nos Deveres Práticos e Cidadania: Incentivar o desenvolvimento dos deveres práticos da vida diária, assim como o exercício de uma verdadeira cidadania. 8. Valorização da Autonomia: Promover a autonomia e a autenticidade alicerçadas nos valores bíblico-cristãos. 9. Desenvolvimento da Autoestima: Favorecer o desenvolvimento da auto-estima positiva, do sentimento de aceitação e de segurança. 10. Desenvolvimento de Relacionamentos Interpessoais: Resgatar os bons relacionamentos interpessoais, assim como espírito cooperativo.

Quadro 2

esses objetivos gerais da educação.¹⁰¹ Primeiramente apresenta-se uma descrição sumária, e depois faz-se uma explicação um pouco mais detalhada.

Ellen G. White entende que “todo o saber e desenvolvimento real têm sua fonte no conhecimento de Deus”,¹⁰² sobre este objetivo repousa seu arcabouço educacional. Ela afirma que a educação que se baseia em Deus é capaz de renovar a mente e transformar o espírito, além de colocar o estudante diante das grandes lições da vida, pois Ele é a Sabedoria.¹⁰³ Fundamentar a educação em Deus não significa dar um passo no escuro, e muito menos esconder-se na espiritualidade, ignorando o preparo acadêmico.¹⁰⁴

No pensamento whiteano, a Bíblia não é importante apenas para o

crescimento moral ou espiritual dos estudantes; mesmo no aspecto cognitivo há um grande benefício em seu estudo. Ela entende que “a grandeza de seus temas, a nobre simplicidade de suas declarações, a beleza de suas imagens, despertam e elevam os pensamentos como nada mais o faz”.¹⁰⁵ Para Ellen G. White, “nenhum outro estudo poderá transmitir tal poder mental como o faz o esforço para se compreenderem as verdades estupendas da revelação”¹⁰⁶ bem como “nenhum outro livro pode satisfazer os questionamentos da mente, ou aos anelos do coração”.¹⁰⁷

Na concepção whiteana, é fundamental entender que as coisas criadas apresentam sinais de Deus.¹⁰⁸ A natureza, então, pode tornar-se um

gigantesco compêndio de ensino-aprendizado, no qual os estudantes podem ver “uma expressão do amor e da sabedoria de Deus”.¹⁰⁹ Nesse sentido, e valorizando o papel da natureza e o impacto que ela causa especialmente nas crianças, Ellen G. White afirma que “a única sala de aula para as crianças de oito a dez anos, deve ser ao ar livre, entre as flores a desabrochar e os belos cenários da Natureza”.¹¹⁰ A valorização da natureza não se limita à contemplação, mas se requer que os estudantes se envolvam com o cuidado da terra. Ela entende que “o trabalho na horta e no campo será uma mudança agradável na rotina tediosa das lições abstratas a que nunca deveriam circunscrever-se as mentes juvenis”.¹¹¹

O processo de resgate da imagem do Criador no ser humano também implica no desenvolvimento de uma inteligência vigorosa. White afirma:

O intelecto humano precisa expandir-se, e adquirir vigor, agudeza e atividade. Deve-se obrigá-lo a fazer trabalho árduo, pois do contrário tornar-se-á débil e ineficiente. É necessária energia cerebral para pensar com mais afinco; deve-se exigir do cérebro o máximo a fim de resolver e dominar problemas difíceis, se não haverá um decréscimo de vigor mental e da capacidade de pensar. A mente deve idear, trabalhar e esforçar-se a fim de dar solidez e vigor ao intelecto.¹¹²

Igualmente, a educação whiteana valoriza e promove o desenvolvimento do pensamento reflexivo, e procura – mediante as diversas metodologias e técnicas pedagógicas – a formação de estudantes com um elevado senso

crítico, formadores de opinião. Assim é expressa essa intencionalidade:

Cada ser humano criado à imagem de Deus é dotado de certa faculdade própria do Criador – a individualidade – faculdade de esta de pensar e agir. Os homens nos quais se desenvolve essa faculdade são os que encaram responsabilidades, que são os dirigentes nos empreendimentos e que influenciam caracteres. É a obra da verdadeira educação desenvolver esta faculdade, preparar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem. Em vez de limitar o seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, sejam os estudantes encaminhados às fontes da verdade, aos vastos campos abertos a pesquisas na natureza e na revelação. Que contemplem os grandes fatos do dever e do destino, e a mente expandir-se-á e fortalecer-se-á.¹¹³

Ellen G. White entende que o processo ensino-aprendizagem deveria ser encarado como muito mais do que um simples adestramento ou disciplina mental. Sua intenção deveria ser “produzir homens fortes para pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplidão de espírito, clareza de pensamento, e coragem nas suas convicções”.¹¹⁴

De acordo com Ellen G. White, não é possível desenvolver o espírito e a mente de maneira apropriada num corpo enfermo, pois o cuidado da saúde física impacta no desenvolvimento de espírito, caráter e mente robustos. Assim sendo, “um conhecimento de fisiologia e higiene deve ser a base de todo esforço educativo”.¹¹⁵ Isso fará com que as pessoas sejam influenciadas “com o conceito de que o corpo é um templo em que Deus deseja ha-

bitar; que deve ser conservado puro, como a habitação de pensamentos elevados e nobres”.¹¹⁶

Por outro lado, os estudantes precisam ser instruídos nos diversos campos do saber, mas deve ter-se o cuidado de também ensiná-los no cumprimento dos deveres práticos da vida diária, pois “essa é a educação de que tanto se necessita”.¹¹⁷ De maneira que, tão importante quanto a aquisição de informação em qualquer ramo da ciência, é orientar os estudantes nas atividades corriqueiras, com as quais se deparam no dia-a-dia.¹¹⁸ Os deveres práticos da vida diária são as ocupações domésticas, auxílio aos pais nas pequenas coisas que devem ser feitas em casa e na formação de hábitos de utilidade no lar, deveres estes apropriados à sua idade.¹¹⁹ Quanto à cidadania, a escola precisa despertar nos estudantes as “sensibilidades morais no que respeita a ver e sentir os direitos que a sociedade tem sobre eles”.¹²⁰ Assim fazendo, os estudantes podem tornar-se, por preceito e exemplo, uma influência positiva para a sociedade.

A educação whiteana valoriza o bom uso da vontade própria. A este respeito, ela escreveu que se deve compreender “a verdadeira força da vontade. Esta é o poder que governa a natureza do homem, o poder da decisão ou de escolha. Tudo depende da reta ação da vontade. O poder da escolha deu-o Deus ao homem; a ele compete exercê-lo”.¹²¹ Desse modo, o processo ensino-aprendizado envolveria mais do que mera assimilação de uma informação. Neste sen-

tido, Ellen G. White adverte que “a educação que consiste no exercício da memória, com a tendência de desencorajar o pensamento independente, tem uma influência moral que é pouco tomada em conta”.¹²² Qual seria essa influência? “Ao sacrificar o estudante a faculdade de raciocinar e julgar por si mesmo, torna-se incapaz de discernir entre a verdade e o erro, e cai fácil presa do engano”.¹²³

Como se percebe, Ellen G. White acredita que a educação deve formar um estudante autônomo, que saiba fazer boas escolhas, assim como administrar suas decisões e assumir a responsabilidade por elas. Afinal, a pessoa “que confia no juízo de outrem, mais cedo ou mais tarde será por certo corrompido”.¹²⁴ Essa autonomia implica em pensamento crítico,¹²⁵ o que significa pensar com liberdade, sem necessariamente repetir discursos formados e aceitos; o pensamento crítico inclui pensar para além do aceito, do estabelecido, daquilo entendido como normalidade.

A educação whiteana estimula que haja nas escolas um ambiente de valorização das pessoas, independentemente de raça, religião ou sexo. “Tanto quanto possível”, diz White, “deve cada criança ser ensinada a confiar em si mesma. Pondo em exercício as várias faculdades, aprenderá onde é mais forte e em que é deficiente”.¹²⁶ Reconhecendo o papel decisivo dos professores neste empreendimento, ela afirma que “o sábio instrutor dará especial atenção ao desenvolvimento

dos traços mais fracos, para que a criança possa formar um caráter bem equilibrado e harmonioso”.¹²⁷ Essas orientações fazem sentido, mais ainda hoje quando pesquisas sobre inteligência emocional têm esclarecido o papel da autoestima no processo educacional. O psicólogo Maxwell Maltz, por exemplo, afirma que o sentimento de inferioridade contribui para a manifestação de distúrbios de ansiedade, falta de adaptação social, mau desempenho escolar, expulsão da escola, delinquência, etc.¹²⁸ Ou seja, muitos conflitos pessoais acontecem devido à baixa autoestima e em decorrência da pouca expectativa que as pessoas colocam sobre si mesmas.

Finalmente, a educação whiteana fala da importância de se ensinar, por preceito e exemplo, lições de compaixão, amabilidade, piedade, cortesia, alegria e afeto, como características fundamentais que possibilitam a boa convivência entre as pessoas.¹²⁹ Ela também valoriza a disposição

de cooperação entre os estudantes, o que inibe a formação de estudantes egoístas, interessados apenas em seu bem-estar. Quanto a isso, Ellen G. White assevera:

A cooperação deve ser o espírito da sala de aulas, a lei de sua vida. O professor que adquire a cooperação de seus discípulos consegue um auxílio imprescindível na manutenção da ordem. Nos serviços da sala de aula muitos rapazes, cujo estado irrequieto acarreta desordem e insubordinação, encontrariam vazão à sua energia supérflua. Que os mais velhos ajudem aos mais novos, os fortes aos fracos; e, quanto possível, seja cada um chamado a fazer algo em que se destaque. Isso fomentará o respeito próprio e o desejo de ser útil.¹³⁰

Pode-se perceber nos objetivos gerais da educação de Ellen G. White uma prática pedagógica que impacta o sujeito durante toda a sua vida, em todas as circunstâncias. Seja o senso de adoração, a valorização e desenvolvimento das potencialidades humanas, bem como o envolvimento com a sociedade, tudo isso ocorre ao longo da vida.

Objetivos em Relação ao Estudante
<ol style="list-style-type: none"> 1. Ser leal a Deus e valorizar o que é espiritual. 2. Desenvolver caráter íntegro. 3. Ter equilíbrio emocional. 4. Desenvolver relacionamentos saudáveis. 5. Desenvolver pensamento crítico e reflexivo. 6. Desenvolver a capacidade de fazer escolhas e tomar decisões. 7. Obedecer conscientemente os princípios e normas. 8. Conhecer e vivenciar as leis da saúde. 9. Envolver-se em atividades que requeiram esforço físico. 10. Cultivar desprendimento de si mesmo e solidariedade.

Assim sendo, a educação deveria ser estruturada em todas as suas esferas – familiar, escolar, social e eclesial – com o intuito de alcançar sempre o sujeito, e não apenas no período escolar, ou enquanto durar sua educação formal.

UMA PRÁXIS PEDAGÓGICA QUE IMPACTA O SUJEITO EM TODA SUA COMPLEXIDADE

Em segundo lugar, o impacto da compreensão whiteana de educação e redenção implica em alcançar o sujeito em toda sua complexidade. Deste modo, teríamos uma educação preocupada em desenvolver no educando todas suas potencialidades, e não apenas as habilidades cognitivas. Essa abrangência pode ser verificada nos objetivos específicos em relação aos estudantes. A seguir, esses objetivos são sintetizados e posteriormente comentados.¹³¹

A educação whiteana prioriza o cultivo da “retidão de coração e lealdade para com Deus”,¹³² em consonância com seu objetivo principal, que é “o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais”.¹³³ Ao mesmo tempo, a autora afirma a necessidade de condições para que o estudante desenvolva conduta reta, na expectativa de que se torne alguém útil, possuidor de valor moral e integridade.¹³⁴ Observa-se que essa é uma questão fundamental no pensamento whiteano, mais importante até que o cumprimento do currículo escolar, embora uma coisa não substitua a outra. Ellen G. White assim se expressou a esse respeito:

A maior necessidade do mundo é a de homens – homens que se não comprem

nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens cuja consciência seja tão fiel ao dever, como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caíam os céus.¹³⁵

Ellen G. White entende que os sentimentos e emoções são também educáveis, sendo possível desenvolvê-los e controlá-los. Então, o estudante pode aprender a dominar suas emoções, controlar suas atitudes e pesar seu julgamento, agindo sempre com bondade, a despeito da injustiça. A autora sugere que desde cedo na vida a pessoa deve ficar “acostumada à submissão, renúncia e consideração pela felicidade de outrem”. Entende que os jovens “devem ser ensinados a subjugar seu temperamento repentino, a conter a palavra apaixonada, a manifestar invariável bondade, cortesia e domínio próprio”.¹³⁶ Hoje se sabe que a inteligência emocional é fundamental e significativa para o sucesso e felicidade,¹³⁷ justificando assim a importância desse treinamento na sala de aula.

Além disso, Ellen G. White afirma que o estudante precisa desenvolver a inteligência interpessoal, relacionando-se apropriadamente com pequenos e grandes grupos, cooperando com todos, fortalecendo a união entre a família e os amigos. Por causa disso, ela acredita que o ambiente escolar deve oferecer condições apropriadas ao estudante para o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis, partindo do respeito a si mesmo, com a finalidade de respeitar a dignidade das

peçoas, e finalmente considerando a todos como membros “da grande fraternidade humana”.¹³⁸

O estudante precisa conviver com situações pedagógicas que o motivem e ensinem a tomar decisões mediante escolhas sábias. Compreende-se, então, que é importante orientá-lo em seu processo de escolha e decisão. Nesse intento, White valoriza a capacidade de raciocinar, pois “todo ser humano dotado de razão tem o poder de escolher o que é reto”.¹³⁹ Para poder escolher o que é certo, o estudante precisa ter a competência de refletir em suas decisões e escolhas, assim como emitir julgamento crítico sobre tudo aquilo que vê ao seu redor. Sobre essa temática, as palavras de Ellen G. White são:

Os professores devem levar os estudantes a pensar, e a entender claramente a verdade por si mesmos. Não é suficiente ao mestre explicar, ou ao aluno crer; deve ser suscitado o espírito de investigação, e o estudante deve ser atraído a enunciar a verdade em sua própria linguagem, tornando assim evidente que ele vê sua força e faz a aplicação. Por trabalhosos esforços, as verdades vitais devem assim ser gravadas na mente. Este pode ser um processo lento; é, porém, mais valioso do que passar correndo sobre assuntos importantes, sem a devida consideração.¹⁴⁰

A autora não compactua com a prática de uma obediência cega. Ela não defende nem mesmo a obediência imposta; seu princípio é de que “é melhor pedir do que ordenar; aquele a quem assim nos dirigimos tem oportunidade de se mostrar leal aos princípios retos. Sua obediência é o resultado da escolha em vez de o ser da coação”.¹⁴¹ Ao

dizer que a obediência deve ser resultado da opção, provavelmente ela está criticando a visão dominante de obediência. Daí que sua defesa da importância de desenvolver no estudante a disposição de obedecer, bem como o rigor com as questões que envolvem desobediência e afronta à autoridade, deve ser compreendida no contexto de sua noção de uma obediência que resulta da escolha.

Ellen G. White adverte sobre o excessivo tempo dedicado ao cultivo da mente, enquanto se negligencia o conhecimento do próprio organismo, na crença de que o corpo cuidará de si mesmo. Suas palavras a este respeito são de que “todo estudante deve saber cuidar de si mesmo de tal maneira que conserve a saúde nas melhores condições possíveis, resistindo à debilidade e à doença”.¹⁴² No caso da pessoa ser alcançada por alguma enfermidade ou acidente, “deve saber enfrentar as emergências comuns”.¹⁴³

Além das atividades escolares formais, Ellen G. White entende que há importantes atividades que ocorrem fora da sala de aula e que envolvem importante aprendizado. De acordo com Cadwallader, há dois tipos de atividades físicas de aprendizado extra-classe que são apresentadas por Ellen G. White, nomeadas como trabalho manual e deveres domésticos.¹⁴⁴ O trabalho manual era aquele feito pelo estudante enquanto estava na área de fazenda da escola,¹⁴⁵ bem como a construção e manutenção de edifícios. No pensamento whiteano, ninguém pode ser considerado educa-

do se não aprendeu a trabalhar com suas mãos. O trabalho manual tem muitos benefícios que podem ser classificados como físico, de saúde, moral, vocacional e até mesmo intelectual.¹⁴⁶ Por isso, o trabalho deveria ter um lugar importante no currículo e, extracurricularmente, em grande parte poderia substituir os jogos e esportes.¹⁴⁷ Já os deveres domésticos incluíam as atividades de trabalho doméstico na cozinha, sala de jantar, dormitórios ou alojamentos de estudante e o quarto individual do estudante.¹⁴⁸ Em acréscimo, Ellen G. White afirma que “os que estão sempre ocupados e que animosamente cumprem suas tarefas diárias, são os mais felizes e gozam a melhor saúde”, de maneira que “a mais pura e elevada alegria vem àqueles que fielmente cumprem os deveres designados”.¹⁴⁹

Finalmente, a educação deve preocupar-se em desenvolver nos estudantes o interesse pela comunidade, assim como cultivar neles o espírito filantrópico. “A satisfação das crianças por serem úteis e praticarem atos de abnegação para ajudar a outros”, diz White, “será o prazer mais salutar que já experimentaram”.¹⁵⁰ Sobre este propósito, a autora afirma:

Desde bem cedo, deve-se ministrar à criança a lição da prestimosidade. Logo que suas forças e o poder de raciocínio estejam suficientemente desenvolvidos, deveria ser dadas a ela tarefas para desempenhar em casa. Deve ser estimulada a tentar auxiliar o pai e a mãe, estimulada a ser abnegada e a controlar a si mesma, a colocar a felicidade e o bem-estar dos outros acima dos seus, a estar atenta às oportunidades de animar

e ajudar os irmãos, os companheiros, e a mostrar bondade para com os idosos, os doentes e os infelizes. Quanto mais profundamente o espírito de verdadeiro serviço permear o lar, tanto mais profundamente ele se desenvolverá na vida das crianças. Elas aprenderão a encontrar prazer em servir e sacrificar-se pelo bem dos outros.¹⁵¹

Pode perceber-se nos objetivos específicos relacionados à formação dos estudantes uma prática pedagógica voltada a atingir o sujeito em toda sua complexidade. A partir do paradigma de que é necessário restaurar no ser humano a imagem do Criador, Ellen G. White propõe mecanismos que permitem o cumprimento desse alvo específico, e que impactam a pessoa em todas suas dimensões: a mental (desenvolver pensamento crítico e reflexivo, desenvolver a capacidade de fazer escolhas e tomar decisões, obedecer conscientemente os princípios e normas), a social (desenvolver relacionamentos saudáveis, cultivar desprendimento de si mesmo e solidariedade), a emocional (ter equilíbrio emocional, desenvolver caráter íntegro), a física (conhecer e vivenciar as leis da saúde, envolver-se em atividades que requeiram esforço físico) e a espiritual (ser leal a Deus e valorizar o que é espiritual). Além do mais, a dimensão espiritual pode incluir, como vimos na citação anterior, “o espírito do verdadeiro serviço”, pois, como fica claro em Ellen G. White, a alegria de servir é uma característica que une a vida daqui com a do Céu, sendo uma responsabilidade essencial da educação.¹⁵²

De modo que uma prática pedagógica que alcance o sujeito em toda

sua complexidade, além de atender ao educando, promovendo seu desenvolvimento completo, sintoniza-o com a demanda da sociedade, aonde, como vimos, vive-se multidimensionalmente, exigindo uma formação e postura igualmente amplas. Ao que tudo indica, a ideia whiteana de uma educação que “tem que ver com todo o ser”, está em sintonia com as demandas da contemporaneidade.

RESUMO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo tratei da noção de redenção nos escritos de Ellen G. White. Segundo a autora, redenção é um tema que vai além da compreensão humana; embora seja uma obra maravilhosa, é o “o mistério dos mistérios”. Por quê? Inicialmente porque implica na assunção da humanidade por parte de Cristo, processo deveras misterioso à humanidade. Além disso, devido à inesgotabilidade do tema, a mente humana tem dificuldade para captar racionalmente o quadro completo do significado da cruz; é um mistério no sentido de ser de difícil compreensão. Todavia, paradoxalmente, é possível compreender a redenção. Como? Mediante uma experiência pessoal; a redenção se daria na experiência da vida.

Também percebemos que para Ellen G. White a redenção é um processo, compondo-se de diversos elementos, tais como o pecado, o arrependimento, a justificação e a santificação, que ocorrem de modo sucessivo, alterando por completo a vida da pessoa. Como processo, a salvação é mais do que algo planejado ou definido; a compreensão

whiteana de “plano” tem a ver mais com propósitos, meios e realização, do que apenas a ênfase em algo já definido. Além disso, redenção é conhecimento de Cristo. Seria, então, uma experiência no âmbito da vida diária, pois quem conhece Cristo e possui seu amor, exerce influência nos demais. Dessa maneira, o estudo da redenção não é um exercício teórico, limitado à discussão conceitual, informacional, pois o evangelho é um sistema de verdades práticas destinadas a efetuar grandes modificações no caráter humano; ele é visível na realidade prática.

Mostrei que a efetivação da redenção humana requer a cooperação das pessoas; ou seja – de certa maneira – a humanidade é redimida com a sua própria participação. Assim sendo, o serviço e cooperação não são consequências, mas condição da redenção humana. E como a redenção se manifesta? Quando amamos uns aos outros. Isto é, a redenção se torna presente na medida em que nos colocamos ao serviço do próximo; a cooperação humana – o serviço – não vem depois, vem ao mesmo tempo. Não há um sem o outro.

Além disso, observamos que existe uma notável similaridade entre educação e redenção. Na verdade, no mais alto sentido, as obras da educação e da redenção são uma. Argumentei que, provavelmente, White assim pensa devido à função restauradora da redenção, função esta também atribuída à educação. A restauração é necessária porque, diante do desequilíbrio da unidade complexa da natureza humana –

pelo pecado – a educação e a redenção promovem o fortalecimento da totalidade do ser, visando o resgate da imagem de Deus nas pessoas. Um segundo aspecto que torna a educação e a redenção uma só obra é o caráter holístico de ambas; Ellen G. White afirma que a obra da redenção e o objetivo da educação é promover o desenvolvimento do corpo, mente e espírito para que se pudesse realizar o propósito divino da criação. Isto significa que não se deve praticar uma educação fragmentada, ou mesmo não se pode enaltecer um aspecto em detrimento de outro, embora se reconheçam as diferenças e capacidades individuais.

E qual a implicação de tudo isso para a educação? Propus duas. Primeiramente, teríamos uma práxis pedagógica que impacta o sujeito ao longo da vida, atingindo-o em todas as circunstâncias e espaços em que se encontre; esta práxis pedagógica iria além da sala de aula, sendo capaz de unir a educação familiar, escolar, social e eclesial, considerando que estes são os espaços mais importantes do sujeito pensado por Ellen G. White. Em segundo lugar, teríamos uma práxis pedagógica que impacta o sujeito em toda sua complexidade; a práxis pedagógica whiteana preocupa-se em desenvolver no educando todas suas potencialidades, e não apenas as habilidades cognitivas. Estes dois elementos mencionados promovem o desenvolvimento completo do sujeito, e sintoniza-o com a demanda da sociedade, onde se vive multidimensionalmente, o que exige uma formação e postura igualmente amplas.

Pelo que foi exposto neste artigo, creio que é possível verificar certo caráter “antecipatório” na proposta pedagógica de Ellen G. White, especialmente se lembrarmos que suas reflexões educacionais concentram-se, maiormente, entre 1872 e 1903. Já nesse período ela falava de uma práxis pedagógica que impactasse o sujeito durante toda a sua vida, preenchendo todas suas circunstâncias e espaços em que se encontre, bem como de uma práxis pedagógica capaz de alcançar o sujeito em toda sua complexidade, que possibilitasse desenvolver no educando todas suas potencialidades; além disso, referiu-se a uma prática pedagógica que preparasse para o serviço. Estas ideias podem ser consideradas pensamentos seminais do que hoje se conhece como Educação Integral ou Holística. É oportuno lembrar que, de acordo com Rafael Yus, o termo Educação Holística foi proposto pelo americano Ron Miller em meados da década de 1980 – praticamente um século depois de White – “para designar o trabalho de um conjunto heterogêneo de liberais, de humanistas e de românticos que tem em comum a convicção de que a personalidade global de cada criança deve ser considerada na educação”.¹⁵³ Considerando o tempo, as circunstâncias e o precário preparo acadêmico de Ellen G. White, provavelmente estamos diante de uma pessoa que estava na fronteira, na liminaridade, quanto a alguns de seus conceitos e práticas educacionais; nesse caso

específico, quanto à sua noção de educação holística.

A percepção de que a educação é redenção certamente conferiu à educação adventista uma fundamental noção de seriedade, fortalecendo sua missão e permitindo-lhe compreender

que o processo ensino-aprendizado é muito mais do que apenas desenvolvimento cognitivo. Além disso, a noção da educação como redenção possibilitou à educação adventista avançar significativamente, tanto de modo qualitativo quanto quantitativo.

REFERÊNCIAS

¹ Cipriano Carlos Luckesi, *Filosofia da Educação* (São Paulo: Cortez, 1994), p. 37.

² Ibid., p. 38.

³ Dermeval Saviani, *Escola e Democracia* (São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1987), p. 17.

⁴ Comenius, *Didática Magna*, 2ª ed. (São Paulo: Martins Fontes, 2002), p. 62.

⁵ Jacques Delors, Org., *Educação: Um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI*, 5ª ed. (São Paulo: Cortez/MEC, 2001), p. 11.

⁶ Neste artigo optei pelo uso do termo *redenção* devido à expressão whiteana “no mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma”. *Education*, p. 30. O uso do vocábulo *redenção* – e não de *salvação* – aliado à *educação* pode ser explicado pelo fato de que, no sentido bíblico, a metáfora de redenção inclui as ideias de soltar de um laço, livrar de cativeiro ou escravidão, comprar de volta algo perdido ou vendido, trocar algo na posse de alguém, resgatar. Walter A. Elwell, ed., *Evangelical Dictionary of Biblical Theology* (Grand Rapids, Michigan: Baker, 1996), p. 664. Ellen G. White entende que restaurar no ser humano a imagem de seu Autor, conduzindo-o novamente à perfeição da criação, promovendo seu desenvolvimento completo, “tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida”. *Education*, p. 15-17. Como se vê, a diáde educação-redenção pode ser justificada pela ideia do resgate e restauração, que, de acordo com White, são obras fundamentais tanto da educação quanto da redenção.

⁷ A informação é dos Depositários das Publicações de Ellen G. White, em Ellen G. White, *The Story of Redemption* (Washington, DC: Review and Herald, 1947), p. 9. Esta obra traz um breve resumo de toda essa temática.

⁸ Composta pelas obras *Patriarcas e Profetas*, *Profetas e Reis*, *O Desejado de Todas as Nações*, *Atos dos Apóstolos* e *O Grande Conflito*.

⁹ Ellen G. White, *The Story of Redemption*, p. 10. O livro *Steps to Christ*, publicado pela primeira vez em 1892, talvez seja o que melhor descreve os elementos e o processo de redenção, conforme compreendido por Ellen G. White; ver *Steps to Christ* (Mountain View: Pacific Press, 1956).

¹⁰ Idem, *The Desires of Ages*, p. 330. “Redemption is that process by which the soul is trained for heaven. This training means knowledge of Christ. It means emancipation from ideas, habits, and practices that have been gained in the school of the prince of darkness. The soul must be delivered from all that is opposed to loyalty to God”.

¹¹ Idem, *Steps to Christ*, p. 77.

¹² “The gospel is a system of practical truths destined to work great changes in human character. If it does not work the transformation in life, in habits, and practice, it is no truth to those who claim to believe it. Man must be sanctified through the truth”. Idem, *This Day with God* (Washington, DC: Review and Herald, 1979), p. 81.

¹³ Para estudo mais detalhado sobre a compreensão whiteana de conhecimento teórico, conhecimento prático e conhecimento especulativo, ver Erling Bernhard Snorrason, *Aims of Education in the Writings of Ellen*

White (Tese de Ph.D. em Educação. Andrews University, Berries Springs, Michigan, Estados Unidos, 2005), p. 161-170.

¹⁴ Pierre Maurice Bogaert, Matthias Delcor, Edmond Jacob, Edouard Lipinski, Robert Martin-achar, Joseph Ponthot, *Diccionario Enciclopédico de la Biblia* (Barcelona: Herder, 1993), p. 1560-1561.

¹⁵ Ver Allen C. Myers, ed., *The Eerdmans Bible Dictionary* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1987), p. 1022-1023. Também conferir David Noel Freedman, ed., *Eerdmans Dictionary of the Bible* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2000), p. 1338-1339.

¹⁶ White, *Testimonies for the Church*, vol. 4 (Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1948), p. 394-395.

¹⁷ White, "Sanctify Them through Thy Truth", em *The Review and Herald*, 7 de fevereiro de 1888.

¹⁸ Vale a pena lembrar que essa expressão whiteana foi inicialmente publicado na Letter 14, de 13 de Março de 1885; portanto, numa época em que ainda não havia a discussão teórica sobre a relação teoria-prática, pelo menos não como entendemos hoje, a partir, por exemplo, da Teoria do Conhecimento.

¹⁹ Humberto R. Maturana e Francisco J. Varela, *A Árvore do Conhecimento: As Bases Biológicas da Compreensão Humana*, Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin (São Paulo: Pala Athenas, 2001), p. 12.

²⁰ Lindemberg Medeiros de Araújo, "Teoria do Conhecimento em Maturana e Varela- Movimento, Realidade e Autopoiese." Pesquisa realizada no site http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao_academica/artigos/pa_a_movimento_realidade_e_autopoiese.pdf, acessado em 8 de junho de 2009.

²¹ Humberto Mariotti, "Autopieise, Cultura e Sociedade." Pesquisa realizada no site <http://www.geocities.com/pluriversu/autopoies.html>, acessado em 8 de junho de 2009.

²² Ver por exemplo *Steps to Christ*, p. 11.

²³ O conceito de um Deus que é amor é claro em White. Ver, por exemplo, *Steps to Christ*, p. 10. Sobre a compreensão whiteana da lei na perspectiva do amor, ela afirma: "Cristo veio ao mundo com o amor acumulado na eternidade. Varrendo aquelas cobran-

ças que tinham atravancado a lei de Deus, Ele mostrou que a lei é uma lei de amor, uma expressão da bondade divina. Mostrou que na obediência a seus princípios se acha envolvida a felicidade da humanidade, e com ela a estabilidade, o próprio fundamento e arcabouço da sociedade humana". White, *Education*, p. 76.

²⁴ Idem, *The Desires of Ages*, p. 330.

²⁵ Elementos 'subjetivos', claro, estão presentes no conceito whiteano. Ela afirma, por exemplo, que "o plano de redenção não é meramente uma maneira de fugir da penalidade da transgressão, mas através dele o pecador é perdoado de seus pecados". White também entendia que, após o perdão, a pessoa é vista não como um culpado perdoado e liberto do cativeiro, que é olhado com suspeita e com o qual não se admite amizade e confiança. Após o perdão, a pessoa é recebida como uma criança que merece a mais plena confiança. White, "Christ our Sacrifice", em *The Review and Herald*, 21 de setembro de 1886.

²⁶ Idem, *Education*, p. 15-16.

²⁷ Esta ênfase mostra que os temas redenção e liberdade – além de serviço – têm proximidade, o que sugeriria um estudo articulado; para um aprofundamento dessa abordagem, ver *Educação, Liberdade e Serviço: Os Fundamentos da Pedagogia de Ellen G. White* (Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2010).

²⁸ White, *Education*, p. 15-16.

²⁹ Idem, *Fundamentals of Christian Education: Instruction for the Home, the School, and the Church* (Nashville, Tennessee: Southern Publishing Association, 1923), p. 217. "In the work of salvation there is a co-operation of human and divine agencies. There is much said concerning the inefficiency of human effort, and yet the Lord does nothing for the salvation of the soul without the co-operation of man."

³⁰ Idem, *Testimonies for the Church*, vol. 3 (Mountain View: Pacific Press, 1948), p. 382.

³¹ Idem, *Fundamentals of Christian Education*, p. 217.

³² Ibid., p. 218.

³³ Thomas H. Groome, *Christian Reli-*

gious Education – Sharing Our History and Vision (São Francisco: Harper & Row, 1980), p. 144.

³⁴ White, *Step to Christ*, p. 61.

³⁵ Idem, “The Grace of God Manifested in Good Works”, em *The Review and Herald*, 29 de janeiro de 1895.

³⁶ Universalismo é a doutrina religiosa de que cada pessoa, cedo ou tarde, será reconciliada com Deus. No processo, também ocorre a reconciliação com todas as pessoas. De acordo com esta doutrina, haverá uma restituição final de todas as coisas e todo dano que as pessoas fizeram será cancelado, e todo relacionamento quebrado será curado. Ver Jerry L. Walls, ed., *The Oxford Handbook of Eschatology* (Oxford: Oxford University Press, 2008), p. 446-461. Para um estudo do atual estado do debate sobre este tema, ver Robin A. Parry e Christopher H. Partridge, *Universal Salvation? The Current Debate* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2003).

³⁷ White, *Patriarchs and Prophets*, p. 208

³⁸ Ibidem.

³⁹ Idem, *Education*, p. 30. “In the highest sense the work of education and the work of redemption are one, for in education, as in redemption, “other foundation can no man lay than that is laid, which is Jesus Christ.” “It was the good pleasure of the Father that in Him should all the fullness dwell.” 1 Corinthians 3:11; Colossians 1:19, R.V.

⁴⁰ Snorrason, *Aims of Education in the Writings of Ellen White*, p. 211.

⁴¹ Ibidem.

⁴² White, *Education*, p. 15-16.

⁴³ Idem, *Education*, p. 15.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Ibid., 29.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ Battista Mondin, *Quem é Deus? Elementos de Teologia Filosófica*, tradução de José Maria de Almeida (São Paulo: Paulus, 1997), p. 374.

⁴⁹ Juan Antonio Estrada, *A Impossível Teodicéia: A Crise da Fé em Deus e o Problema do Mal* (São Paulo: Paulinas, 2004), p. 9.

⁵⁰ Ibid., p. 17.

⁵¹ Ibid., p. 16.

⁵² Ibidem. Estrada afirma que, “na história da filosofia ocidental, o mal tem sido analisado tradicionalmente a partir de três dimensões: o mal metafísico, o mal físico e o mal moral”.

⁵³ White, *Patriarchs and Prophets*, p. 61.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Ibid., p. 59. Ellen G. White usa a expressão “teriam a ciência do mal”, querendo dizer que Adão e Eva conheciam e, portanto, praticariam o mal, como realmente já o haviam feito, deliberadamente desobedecendo à ordem de Deus.

⁵⁶ Ibid., p. 60.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Estrada, *A Impossível Teodicéia*, p. 13.

⁵⁹ White, *Patriarchs and Prophets*, p. 61.

⁶⁰ Estrada, *A Impossível Teodicéia*, p. 13.

⁶¹ White, *Patriarchs and Prophets*, p. 57.

⁶² Romanos 7:18-19, 24. Há uma discussão aprofundada a respeito da impotência da vontade, na perspectiva do apóstolo Paulo. Ver Hannah Arendt, *A Vida do Espírito*, tradução de Cesar Augusto de Almeida, Antônio Abranches e Helena Martins (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008), p. 326-335.

⁶³ White *Patriarchs and Prophets*, p. 45.

⁶⁴ Ibid., p. 15.

⁶⁵ Freire, *Pedagogia do Oprimido*, p. 84.

⁶⁶ White, *Education*, p. 15.

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ Edgar Morin, *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, 8ª ed., tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya (São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003), p. 15.

⁶⁹ Quanto à noção de perfeição, observa-se em White a típica tensão que caracteriza seu pensamento quando o assunto é complexo, requerendo mais do que apenas uma definição unilateral. Assim sendo, ao mesmo tempo em que reconhece que “a igreja de Cristo na Terra será imperfeita” (*A Igreja Remanescente*, [Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995], p. 42), afirma que “a ética evangélica não reconhece nenhuma norma senão a perfeição do caráter divino” (*The Ministry of Healing* [Mountain View: Pacific Press, 1947], p. 451), devendo “o homem fazer veementes esforços para vencer o que o impede de alcançar a perfeição” (*Atos dos Apóstolos*,

p. 482). Esse ideal não deve ser considerado inatingível, pois a perfeição é uma oferta de Jesus a todas as pessoas. De modo que, para alcançar a perfeição, o ser humano depende inteiramente de Deus (*Conselhos Sobre Saúde*, p. 384; *Atos dos Apóstolos*, p. 482); por isso, não deve haver preocupação quanto à sua consecução, pois ela pode ser alcançada pela graça e poder dEle. (*Conselhos Sobre Saúde*, p. 384; *Atos dos Apóstolos*, p. 478). Por exemplo, quando White fala sobre a necessidade da perfeita obediência às leis de Deus, assim ela coloca suas ideias: "... by perfect obedience to the requirements of the law, man is justified. Only through faith in Christ is such obedience possible" (*Signs of the Times*, 23 de julho de 1902). Mas, o que Ellen G. White entende por "perfeição"? A seguinte citação parece apontar para uma compreensão adequada: "A verdadeira santificação significa perfeito amor, perfeita obediência, perfeita conformidade com a vontade de Deus. Devemos santificar-nos para Deus mediante a obediência à verdade. Nossa consciência deve ser expurgada das obras mortas para servir ao Deus vivo. Não somos ainda perfeitos; mas é nosso privilégio desvencilharmo-nos dos obstáculos do eu e do pecado e prosseguir para a perfeição. Grandes possibilidades, altas e santas conquistas são colocadas ao alcance de todos" (*Atos dos Apóstolos*, p. 565). Como se vê, White parece sinonimizar "perfeição" com "santidade", enfatizando o fato de que há um elevado alvo a ser alcançado, o que envolve compromisso com Deus, bem como ações práticas, concretas, de amor. Por outro lado, sensível ao fato de que o ser humano está em constante aprendizado, White afirma que não somos ainda perfeitos, o que poderia evidenciar sua compreensão de perfeição não como ser sem defeito, mas, como entende Paulo Freire – e já foi frizado acima – alguém que está sendo para poder ser (*Pedagogia do Oprimido*, p. 84). Para um estudo aprofundando do conceito de perfeição em Ellen G. White, ver Woodrow Wilson Whidden, *The Soteriology in Ellen G. White: The Persistent Path to the Perfection, 1836-1902* (Tese de PhD não publicada. Drew University, Madison, New Jersey, 1989), p. 328-396.

⁷⁰ White, *Education*, p. 15-16.

⁷¹ Ibidem.

⁷² A citação a seguir corrobora esse raciocínio: "The Scriptures teach us to seek for the sanctification to God of body, soul, and spirit. In this work we are to be laborers together with God. Much may be done to restore the moral image of God in man, to improve the physical, mental, and moral capabilities. Great changes can be made in the physical system by obeying the laws of God and bringing into the body nothing that defiles. Our dependence is not in what man can do: it is in what God can do for man through Christ. When we surrender ourselves wholly to God, and fully believe, the blood of Christ cleanses from all sin". White, "A Teacher Sent from God", em *The Review and Herald*, 30 de Abril de 1901.

⁷³ Idem, *Steps to Christ*, p. 57.

⁷⁴ Notoriamente, o pressuposto de White é que a conversão, embora com notáveis efeitos em todas as áreas da vida, é de natureza eminentemente espiritual e motivada por Deus, enquanto que Assmann aborda o tema desde uma perspectiva fenomenológica, com implicações sociais.

⁷⁵ Hugo Assmann, *Reencantar a Educação: Rumo à Sociedade Aprendente* (Petrópolis: Vozes, 1998), p. 20.

⁷⁶ Estes elementos whiteanos da imagem de Deus serão tratados nos próximos capítulos desta pesquisa. O raciocínio é explanado em Snorrason, *Aims of Education in the Writings of Ellen White*, p. 191-202.

⁷⁷ Ronald Habermas, professor de Estudos Bíblicos e Formação Cristã na John Brown University, nos Estados Unidos, lista 33 qualidades da imagem de Deus nas pessoas, a partir do relato bíblico de Gênesis 1 a 3, representando a vida antes da queda. Essas qualidades são: honra, familiaridade, culturalidade, majestade, saúde, incorruptibilidade, tranquilidade, adoração, materialidade, imaterialidade (espírito), beleza, sensibilidade, cuidado, moralidade, vontade, educabilidade, autodisciplina, autocontrole, sexualidade, matrimônio, ensino, razão, diligência (criatividade), raciocínio lógico, responsabilidade, avaliação, capacidade para expressar decepção, verbalismo, alegria, indivisibili-

dade, escolha do mal, impressionabilidade, comungabilidade. Uma leitura atenta dessas qualidades nos mostra que elas abrangem a totalidade da vida humana, referindo-se aos poderes físicos, mentais, sociais, emocionais e espirituais. Ronald T. Habermas, *Introduction to Christian Education and Formation – A Lifelong Plan for Christ Centered Restoration* (Grand Rapids: Zondervan, 2008), p. 49-50.

⁷⁸ White, *Education*, p. 15-16.

⁷⁹ Ibid., p. 13. “True education means more than the pursual of a certain course of study. It means more than a preparation for the life that now is. It has to do with the whole being, and with the whole period of existence possible to man. It is the harmonious development of the physical, the mental, and the spiritual powers. It prepares the student for the joy of service in this world and for the higher joy of wider service in the world to come”.

⁸⁰ Rafael Yus, *Educação integral: uma educação holística para o século XXI* (Porto Alegre: Artmed, 2002), p. 16.

⁸¹ Ibid., p. 21-25.

⁸² Ibid., p. 109.

⁸³ Ibid., p. 22.

⁸⁴ Saturnino de La Torre e Maria Cândida Moraes, *Sentipensar: Fundamentos e Estratégias para Reencantar a Educação* (Petrópolis: Vozes, 2003), p. 127.

⁸⁵ Howard Gardner, *Inteligência: Um Conceito Reformulado*, tradução de Adalgisa Campos da Silva (Rio de Janeiro: Objetiva, 2001), p. 88.

⁸⁶ Ibidem.

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ White, *Counsels to Parents, Teachers, and Students*, p. 64.

⁸⁹ Hugo Assmann e Jung Mo Sung, *Competência e Sensibilidade Solidária – Educar para a Esperança* (Petrópolis: Vozes, 2000), p. 211.

⁹⁰ George R. Knight, *Filosofia e Educação: Uma Introdução da Perspectiva Cristã* (Engenheiro Coelho: Unaspress, 2001), p. 215.

⁹¹ White, *Education*, p. 13. “True education means more than the pursual of a certain course of study. It means more than a

preparation for the life that now is. It has to do with the whole being, and with the whole period of existence possible to man. It is the harmonious development of the physical, the mental, and the spiritual powers. It prepares the student for the joy of service in this world and for the higher joy of wider service in the world to come”.

⁹² Snorrason, *Aims of Education in the Writings of Ellen White*, p. 204.

⁹³ White, *Testimonies for the Church*, vol. 3, p. 157.

⁹⁴ Ibidem.

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ Idem, *Fundamentals of Christian Education*, p. 226.

⁹⁷ Collin D. Standish e Russell R. Standish, *Uma Visão Adventista da Educação*, tradução de Gerson Pires de Araújo (Engenheiro Coelho: Gráfica Alfa, 2002), p. 11.

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ White, *Education*, p. 13.

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ Sobre os objetivos whiteanos da educação, dois dos principais trabalhos acadêmicos são: Snorrason, *Aims of Education in the Writings of Ellen White*, p. 178-249; e Edward Miles Cadwallader, *Educational Principles in the Writings of Ellen G. White*, p. 126-151. Devido à abrangência do material escrito por Ellen G. White, é possível descrever dezenas de objetivos gerais. Cadwallader, por exemplo, lista 19 objetivos fundamentais, com diversas subdivisões, totalizando quarenta e seis alvos educacionais gerais (p. 129-135). Snorrason classifica-os em quatro modalidades: conversão, restauração da imagem de Deus, desenvolvimento de todos os poderes ou potencialidades e preparação para o serviço (p. 178-233). A Confederação das Uniões Brasileiras da IASD, representando todo o sistema de Educação Básica Adventista em nível nacional, elaborou, em 2004, o primeiro documento oficial, intitulado *Pedagogia Adventista*, o qual atualmente serve de parâmetro para a prática pedagógica nas escolas da rede. Entre as páginas 48 a 52, de maneira concisa, esse documento apresenta os objetivos primordiais ideais da educação escolar, conforme entendidos pela IASD, os quais podem

ser expressos em dez proposições; nesta pesquisa, optou-se por fazer uma abordagem a partir desses dez objetivos, os quais, pretensamente, sintetizam o pensamento whiteano sobre o tema; ver Confederação das Uniões Brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo dia, *Pedagogia Adventista* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010). Para um aprofundamento dessa abordagem, ver Adolfo S. Suárez, *A Influência da Educação Escolar Adventista na Identidade e na Fé de Adolescentes*, p. 64-88.

¹⁰² White, *Education*, p. 14.

¹⁰³ Idem, *Fundamentals of Christian Education*, 543, 544.

¹⁰⁴ Os itens 4 e 5 focam o preparo acadêmico.

¹⁰⁵ White, *Education*, p. 124.

¹⁰⁶ Ibidem.

¹⁰⁷ Idem, *Counsels to Parents, Teachers, and Students*, p. 53-54.

¹⁰⁸ idem, *Education*, p. 99.

¹⁰⁹ Ibid., p. 102.

¹¹⁰ Idem, *Fundamentals of Christian Education*, p. 21.

¹¹¹ Idem, *Counsels to Parents, Teachers, and Students*, p. 187.

¹¹² Idem, *Fundamentals of Christian Education*, p. 226.

¹¹³ Idem, *Education*, p. 17.

¹¹⁴ Ibid., p. 18.

¹¹⁵ Ibid., p. 195.

¹¹⁶ Ibid., p. 201.

¹¹⁷ Idem, *Counsels to Parents, Teachers, and Students*, p. 88.

¹¹⁸ Idem, *The Ministry of Healing*, p. 444.

¹¹⁹ Idem, *Counsels to Parents, Teachers, and Students*, p. 149.

¹²⁰ Idem, *Education*, p. 84.

¹²¹ Idem, *Steps to Christ*, p. 47.

¹²² Idem, *Education*, p. 230.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ Ibid., p. 231.

¹²⁵ Ibid., p. 17.

¹²⁶ Idem, *Child Guidance: Counsels to Seventh-day Adventist Parents* (Washington, DC: Review and Herald, 1982), p. 156.

¹²⁷ Ibidem.

¹²⁸ Citado em Les Parrot, *Adolescentes em Conflito* (São Paulo: Vida, 2003), p. 236.

¹²⁹ White, *Child Guidance*, p. 143.

¹³⁰ Idem, *Education*, p. 285-286.

¹³¹ Esta abordagem é baseada em Cadwallader, *Educational Principles in the Writings of Ellen G. White*, p. 314-342; Suárez, *A Influência da Educação Escolar Adventista na Identidade e na Fé de Adolescentes*, p. 80-86; e Confederação das Uniões Brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo dia, *Pedagogia Adventista*, p. 53-56.

¹³² White, *Counsels to Parents, Teachers, and Students*, p. 496.

¹³³ Idem, *Education*, p. 13.

¹³⁴ Idem, *Fundamentals of Christian Education*, p. 248.

¹³⁵ Idem, *Education*, p. 57.

¹³⁶ Idem, *Counsels to Parents, Teachers, and Students*, p. 124.

¹³⁷ John Gottman e Joan DeClaire, *Inteligência Emocional e a Arte de Educar Nossos Filhos*, 49ª ed. (Rio de Janeiro: Objetiva, 2001), p. 17.

¹³⁸ White, *Education*, p. 240.

¹³⁹ Ibid., p. 289.

¹⁴⁰ Idem, *Counsels on Education* (Mountain View, California: Pacific Press, 1968), p. 140.

¹⁴¹ Idem, *Education*, p. 290. A preocupação de Deus pela liberdade humana não excluía a “pronta e perfeita obediência”. Entretanto, não havia obrigatoriedade, pois o ser humano fora estabelecido como “livre agente moral”. “The Character of the Law of God”, em *The Signs of the Times*, 15 de abril de 1886. De fato, “todo indivíduo, desde o mais humilde e obscuro até ao maior e mais exaltado, é um agente moral” (ver “The Use of Talents”, em *The Review and Herald*, 1º de maio de 1888), o qual, por livre, pode obedecer ou desobedecer (White, *The Sanctified Life* (Washington, DC: Review and Herald, 1971), p. 76).

¹⁴² White, *Fundamentals of Christian Education*, p. 426-427.

¹⁴³ Ibidem.

¹⁴⁴ Cadwallader, *Educational Principles in the Writings of Ellen G. White*, p. 301-313.

¹⁴⁵ É necessário lembrar que White acreditava no funcionamento de internatos, erigidos em amplo espaço físico, com lugar para

atividades de agricultura.

¹⁴⁶ No aspecto moral, por exemplo, White afirma que o trabalho manual é uma salvaguarda contra as tentações, devido à operosidade e disciplina que cria na pessoa. Ela diz assim: “At the creation, labor was appointed as a blessing. It meant development, power, happiness. The changed condition of the earth through the curse of sin has brought a change in the conditions of labor; yet though now attended with anxiety, weariness, and pain, it is still a source of happiness and development. And it is a safeguard against temptation. Its discipline places a check on self-indulgence, and promotes industry, purity, and firmness. Thus it becomes a part of God’s great plan for our recovery from the Fall. *Education*, p. 214.

¹⁴⁷ Cadwallader, *Educational Principles in the Writings of Ellen G. White*, p. 301.

¹⁴⁸ White, *Testimonies for the Church*, vol. 6 (Mountain View: Pacific Press, 1948), p. 169; Vale ressaltar que, embora o contexto das orientações whiteanas a este respeito seja uma escola em regime de internato, estas atividades não se restringem necessariamente apenas ao ambiente de internato. Sobre o ambiente do lar, White declara: “A educação que rapazes e moças que frequentam nossos colégios deviam receber na vida doméstica é digna de especial atenção. É de grande importância na obra da edificação do caráter que os estudantes que frequentam nossos co-

légios sejam ensinados a assumir a obra que lhes é indicada, submetendo toda inclinação para a indolência. Necessitam familiarizar-se com os deveres da vida diária. Devem ser ensinados a executar os deveres domésticos bem e cabalmente, com o mínimo de barulho e confusão possíveis. Tudo deve ser feito decentemente e com ordem... Muitos ramos de estudo que consomem o tempo do estudante, não são essenciais à utilidade ou felicidade; entretanto é essencial a todo jovem familiarizar-se completamente com os deveres de cada dia. Sendo necessário, uma jovem pode dispensar os conhecimentos de francês ou álgebra, ou mesmo de piano; mas é indispensável que aprenda a preparar bom pão, confeccionar vestidos graciosamente adaptados, e executar eficientemente os muitos deveres atinentes ao lar”. White, *The Adventist Home* (Washington, DC: Review and Herald, 1983), p. 88, 89.

¹⁴⁹ White, “The Reward of Faithful Toil”, em *The Youth’s Instructor*, 5 de dezembro de 1901.

¹⁵⁰ Idem, *Fundamentals of Christian Education*, p. 36.

¹⁵¹ Idem, *The Ministry of Healing*, p. 401.

¹⁵² Idem, *Education*, p. 13. “True education [...] prepares the student for the joy of service in this world and for the higher joy of wider service in the world to come”.

¹⁵³ Yus, *Educação Holística*, p. 16.